Blaise Pascal

ORAÇÃO PARA PEDIR
A DEUS O BOM USO
DAS DOENÇAS

Blaise Pascal

ORAÇÃO PARA PEDIR
A DEUS O BOM USO
DAS DOENÇAS

Curadoria da coleção:
Fabiano Incerti
Douglas Borges Candido

José Rafael Solano Durán
(Tradução)

PUCPRESS

Curitiba
2021

Este livro, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa por escrito da Editora.

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)	PUCPRESS
Reitor	Coordenação
Waldemiro Gremski	Michele Marcos de Oliveira
Vice-Reitor	Edição
Vidal Martins	Susan Cristine Trevisani dos Reis
Pró-Reitor de Missão, Identidade e Extensão	Edição de arte
Ir. Rogério Renato Mateucci	Rafael Matta Carnasciali
Diretor do Instituto Ciência e Fé	Preparação de texto
Fabiano Incerti	Paula Lorena Silva Melo
Gerente de Identidade Institucional	Revisão
José André de Azevedo	Juliana Almeida Colpani Ferezin
Especialista do Instituto Ciência e Fé	Transcrição do original em francês
Douglas Borges Candido	Paula Lorena Silva Melo
Curadoria da Coleção	Capa, projeto gráfico e Diagramação
Fabiano Incerti	Rafael Matta Carnasciali
Douglas Borges Candido	Fonte do original em francês
Tradução	<i>Œuvres complètes, tome II</i>
José Rafael Solano Durán	Edition de Michel Le Guern
	Gallimard
	12/01/2000

PUCPRESS | Editora Universitária Champagnat

Rua Imaculada Conceição, 1155 - Prédio da Administração - 6º andar
Campus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR
Tel. +55 (41) 3271-1701
pucpress@pucpr.br

Dados da catalogação na publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI-PUCPR
Biblioteca Central
Edilene de Oliveira dos Santos CRB 9 /1636

P278o 2021	Pascal, Blaise Oração para pedir a Deus o bom uso das doenças / Blaise Pascal; curadoria, Fabiano Incerti, Douglas Borges Candido; tradução, José Rafael Solano Durán. -- Curitiba, PUCPRESS, 2021. 68 p. ; 21 cm
	Inclui bibliografia ISBN 978-65-87802-49-7 978-65-87802-48-0 (e-book) 978-65-87802-50-3 (PDF)

1. Doentes – Orações e devoções. 2. Sofrimento – Aspectos religiosos. 3. Doenças – Aspectos religiosos. 4. Morte – Aspectos religiosos. Título.

SUMÁRIO

Introdução.....	5
I	8
II	10
III	12
IV	16
V	20
VI	22
VII	24
VIII	26
IX	28
X	32
XI	36
XII	38
XIII	42
XIV	44
XV	46
NOTAS	49

INTRODUÇÃO

A genialidade com que Blaise Pascal surpreendeu o século XVII chega até os nossos dias como uma dessas realidades que acabam se “eternizando”. Muito mais do que circunstâncias meramente humanas, são experiências transcendentais. Uma delas, retratada nessa tradução, é a contingente e humana situação de doença.

Todo o seu pensamento nasce de um único reconhecimento: “A pequenez, a limitação”. O infinito só pode ser próximo do finito na medida em que reconhecemos nossa limitação. Não podemos nos esquecer que a vida de Pascal foi marcada por grandes doenças e carências. A morte prematura da mãe; certa doença nos músculos que lhe atormentava e causava grandes dores; e por último a dolorosa situação que lhe impedia deglutir os alimentos, levando-o ao afogamento.

A doença, na compreensão Pascaliana, não constitui uma tragédia na vida de um ser humano, mas sim uma oportunidade para se unir às dores de quem “sofreu” por amor, Cristo. Lembremos que a conversão tardia de Pascal o fez passar por uma experiência de ceticismo entre o paradoxo dos prazeres mundanos e as dores físicas – temas que suscitaram vários debates entre os filósofos de sua época.

Um dos pensamentos de Pascal deixa entrever, desde o início da sua obra, o drama da

saúde e da doença: “Durante o tempo que vivermos neste mundo o teu poder nos sustentará na nossa fraqueza” (92).¹

A saúde e a doença estão na mesma linha de poder. Mesmo que dê a impressão contrária, a doença nos fornece um poder inimaginável. De fato, Pascal elaborou um diálogo entre Epíteto e Montaigne sobre as dores humanas e o prazer, sendo que Epíteto tinha como ponto de partida o prazer pelo prazer e Montaigne – que sempre o procurou pela saúde, pois desde o início da sua vida teve grandes dores –, alcançou a compreensão de que a dor não é tão negativa como parece. Pascal não tem pretensões de suspender a dor à luz dos pensamentos positivos. Pelo contrário, na aceitação da dor física há uma redenção que não conseguimos ver com facilidade.

Nesta oração que Pascal compõe entre os anos de 1669 e 1670, que se encontra no grupo dos “opúsculos”, podemos perceber três grandes influências no caminho de conversão frente ao cristianismo. Em primeiro lugar, o contato com o pensamento de Santo Agostinho de Hipona, que desde sempre o impeliu a uma gradual conversão. A relação paradoxal entre vida e morte, saúde e doença, graça e natureza determinará toda a obra de Pascal. Lembremos que já nesta época ele era um cristão convicto da necessidade de viver segundo as exigências da fé. Em segundo lugar, a sua influência de geômetra e matemático. A ordem de cada uma das coisas está sustentada pelos desígnios da natureza, mas sempre assistida pela presença Suprema de Deus. E, por fim,

a forte inspiração de uma vida devota. De fato, junto a esta oração Pascal também escrevia a “Pequena vida de Nosso Senhor Jesus Cristo”. Tudo isto somado leva a conquistar dentro de si um espírito corajoso e capaz de superar a sua própria condição de doente.

Nietzsche, Freud, Guardini, Von Balthasar se referirão a Blaise Pascal como um verdadeiro cristão, pois mais do que afirmar sua fé no Deus verdadeiro tentou viver constantemente segundo as exigências que o Mesmo Deus coloca para aqueles e aquelas que o querem seguir.

Que desta oração todos possamos obter bons frutos e que a cada vez que a doença vier nos visitar possamos também adquirir a capacidade necessária para compreender quão frágeis somos.

É importante que o leitor tenha presente que a elaboração deste texto corresponde aos opúsculos das obras de Pascal. Ela em si mesma possui a originalidade de um homem convertido ao cristianismo e que, nessa conversão, recebe forte influência dos Dominicanos e dos Carmelitas.

É a oração de um homem literalmente “isolado” em seu quarto que aos poucos vai adquirindo um movimento comunitário. Os numerais I a VIII e XI, são dirigidos a Deus Pai; os parágrafos IX, X e XII a XV são dirigidos a Jesus.

Desejo de coração que a leitura seja proveitosa e que os frutos espirituais produzidos pela ação do Espírito sejam renovadores num tempo tão atual como o nosso, em que estamos isolados.

¹ PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

José Rafael Solano Durán.

BLAISE PASCAL
(1623-1662)

ORAÇÃO PARA PEDIR A DEUS O BOM USO DAS DOENÇAS

I

Senhor, cujo espírito é tão bom e tão doce em todas as coisas, e que sois tão misericordioso que não apenas os eventos prósperos, mas também os infortúnios que chegam aos vossos escolhidos são os efeitos da vossa misericórdia, concedei-me a graça de não me comportar como um pagão no estado a que vossa justiça me reduziu; que, como verdadeiro cristão, Vos reconheça como meu Pai e meu Deus, em qualquer estado em que esteja, uma vez que a mudança na minha condição não contribui em nada para a Vossa, que Vós sois o mesmo, mesmo que eu esteja sujeito a mudanças, e que Vós não sois menos Deus quando afliges do que quando usais da vossa indulgência.

PRIÈRE POUR DEMANDER À DIEU LE BON USAGE DES MALADIES

I

Seigneur, dont l'esprit est si bon et si doux en toutes choses, et qui êtes tellement miséricordieux, que non seulement les prospérités, mais les disgrâces mêmes qui arrivent à vos élus, sont des effets de votre miséricorde : faites-moi la grâce de n'agir pas en païen dans l'état où votre justice m'a réduit ; que comme un vrai chrétien je vous reconnaisse pour mon père et pour mon Dieu en quelque état que je me trouve ; puisque le changement de ma condition n'en apporte pas à la vôtre ; que vous êtes le même, quoique je sois sujet au changement, et que vous n'êtes pas moins Dieu quand vous affligez que quand vous usez d'indulgence.

II

Vós me destes saúde para servir-Vos e eu a usei de maneira profana. Vós me enviastes a doença neste momento para me corrigir: não permitais que eu a use para irritar-Vos com minha impaciência. Abusei de minha saúde e Vós me punistes com justiça. Não me permitais abusar do Vosso castigo. E como a corrupção da minha natureza é tal que transforma vossos favores em perniciosos para mim, fazei, ó meu Deus, que a Vossa Onipotente Graça torne os vossos castigos elementos salutareos. Se meu coração esteve cheio da afeição do mundo enquanto tive algum vigor, aniquila esse vigor para minha salvação e me torna incapaz de apreciar o mundo, seja por causa da fraqueza do corpo ou pelo zelo da caridade, para obter o júbilo exclusivamente em Vós.

II

Vous m'aviez donné la santé pour vous servir, et j'en ai fait un usage tout contraire et profane. Vous m'envoyez maintenant la maladie pour me corriger : ne permettez pas que j'en use pour vous irriter par mon inpatience. J'ai mal usé de ma santé, et vous m'en avez justement puni. Ne souffrez pas que j'use mal de cette punition. Et puisque la corruption de ma nature est telle, qu'elle me rend vos faveurs pernicieuses, faites, ô mon Dieu, que votre grâce toute-puissante me rende vos châtimens salutaires. Si j'ai eu le cœur plein de l'affection du monde pendant qu'il a eu quelque vigueur, anéantissez cette vigueur pour mon salut, et rendez-moi incapable de jouir du monde, soit par faiblesse de corps, soit par zèle de charité, pour ne jouir que de vous seul.

III

Ó Deus, a quem devo dar uma conta exata da minha vida no final dela e no fim do mundo! Ó Deus, Vós deixais o mundo e todas as suas coisas subsistirem para o gozo dos vossos escolhidos ou para punir os pecadores! Ó Deus, Vós deixais os pecadores endurecerem no uso delicioso e criminoso do mundo e dos seus prazeres! Ó Deus, fazei nossos corpos morrerem e que na hora da morte Vós separeis nossa alma de tudo o que amamos no mundo! Ó Deus, que desapegai, neste último momento da minha vida, de todas as coisas às quais me apeguei e onde pus meu coração! Ó Deus, consumai no último dia o céu e a terra, e todas as criaturas que eles contêm, para mostrar a tudo e a todos que nada subsiste fora de Vós e que nada é digno de amor além de Vós, já que nada é durável só Vós mesmo! Ó Deus, Tu deves destruir todos os ídolos e todos esses objetos fatais de nossas paixões! Eu te louvo, meu Deus, e abençoo todos os dias da minha vida porque tenho o prazer de impedir a meu favor este dia horrível em que Vós destruiríeis todas as coisas aos meus olhos, na fraqueza a que me reduziu.

III

Ô Dieu, devant qui je dois rendre un compte exact de ma vie à la fin de ma vie et à la fin du monde ; ô Dieu qui ne laissez subsister le monde et toutes les choses du monde que pour exercer vos élus et pour punir les pécheurs ; ô Dieu, qui laissez les pécheurs endurcis dans l'usage délicieux et criminel du monde et des plaisirs du monde, ô Dieu, qui faites mourir nos corps, et qui à l'heure de la mort détachez notre âme de tout ce qu'elle aimait au monde ; ô Dieu, qui m'arracherez, à ce dernier moment de ma vie, de toutes les choses auxquelles je me suis attaché et où j'ai mis mon cœur ; ô Dieu, qui devez consumer au dernier jour le ciel et la terre, et toutes les créatures qu'ils contiennent, pour montrer à tous les hommes que rien n'est subsistant que vous, et qu'ainsi rien n'est digne d'amour que vous, puisque rien n'est durable que vous ; ô Dieu, qui devez détruire toutes ces vaines idoles, et tous ces funestes objets de nos passions ; je vous loue, mon Dieu, et je vous bénirai tous les jours de ma vie, de ce qu'il vous a plu prévenir en ma faveur ce jour épouvantable, en détruisant à mon égard toutes choses, dans l'affaiblissement où vous m'avez réduit.

Eu te louvo, meu Deus, e te abençoo todos os dias da minha vida porque tenho o prazer de me reduzir à incapacidade de desfrutar da doçura da saúde e dos prazeres do mundo; te louvo porque destruíste de certa maneira, para meu benefício, os ídolos enganosos que efetivamente aniquilarás para a confusão dos ímpios no dia da tua ira. Senhor, fazei com que eu me julgue após esta destruição que Vós fizestes aos meus olhos, para que Vós mesmo não me julgueis após toda a destruição que farás da minha vida e do mundo. Porque, Senhor, como no momento da minha morte me encontrarei separado do mundo, nu de todas as coisas, apenas diante de vossa Presença, para responder à vossa Justiça por todos os movimentos do meu coração, fazei-me considerar esta doença como uma espécie de morte, separada do mundo, nua de todos os objetos de meus apegos, somente diante de vossa presença para implorar de vossa misericórdia a conversão do meu coração. Que eu tenha extrema consolação por Vós nesse momento em que me envias uma espécie de morte para exercitar vossa misericórdia, antes de realmente me enviar a morte definitiva para exercitar vosso julgamento. Fazei, então, ó meu Deus, que, assim como Vós evitastes minha morte, eu evite Vossa terrível sentença e examine a mim mesmo antes do Vosso julgamento final, para encontrar misericórdia diante da Vossa presença.

Je vous loue, mon Dieu, et je vous bénirai tous les jours de ma vie, de ce qu'il vous a plu me réduire dans l'incapacité de jouir des douceurs de la santé et de l'usage du monde, et de ce que vous anéantissez pour mon avantage les idoles trompeuses que vous anéantirez effectivement pour la confusion des méchants au jour de votre colère. Donnez-moi, Seigneur, que je me juge moi-même en suite de cette destruction que vous avez faite à mon égard ; afin que vous ne me jugiez pas vous-même ensuite de l'entière destruction que vous ferez de ma vie et du monde. Car, Seigneur, comme à l'instant de ma mort je me trouverai séparé du monde, dénué de toutes choses, seul en votre présence pour répondre à votre justice de tous les mouvements de mon cœur ; faites, Seigneur, que je me considère en cette maladie comme en une espèce de mort, séparé du monde, dénué de tous les objets de mes attachements, seul en votre présence pour implorer de votre miséricorde la conversion de mon cœur, et qu'ainsi j'aie une extrême consolation de ce que vous m'envoyez maintenant une espèce de mort pour exercer votre miséricorde, avant que vous m'envoyiez effectivement la mort pour exercer votre jugement. Faites donc, ô mon Dieu, que comme vous avez prévenu ma mort, je prévienne votre sentence épouvantable, et que je m'examine moi-même avant votre jugement, pour trouver miséricorde en votre présence.

IV

Fazei-me, ó meu Deus, adorar em silêncio a ordem da Vossa Providência sobre a conduta da minha vida. Que Vosso flagelo me console e, tendo vivido a amargura dos meus pecados antes da paz, gostaria das doçuras celestiais de Vossa Graça durante os males salutareis com os quais Vós me afligis. Mas reconheço, meu Deus, que meu coração está tão endurecido e cheio de ideias, de cuidados, de preocupações e de apego ao mundo que as doenças, não mais que a saúde, nem os discursos, nem os livros, nem Vossas Escrituras Sagradas, nem Vosso Evangelho, nem Vossos Mistérios mais sagrados, nem as esmolas, nem os jejuns, nem os milagres, nem o uso dos sacramentos, nem o sacrifício de Vosso Corpo, nem todos os meus esforços, nem todos os do mundo inteiro: nada pode começar minha conversão se Vós não acompanhais todas essas coisas com a extraordinária assistência de Vossa Graça. Por isso, meu Deus, recorro a vós, Deus Todo-Poderoso, para vos pedir um presente que nem todas as criaturas juntas podem me conceder. Eu não teria a audácia de abordar-Vos se outra pessoa pudesse me satisfazer.

IV

Faites, ô mon Dieu, que j'adore en silence l'ordre de votre providence sur la conduite de ma vie. Que votre fléau me console ; et qu'ayant vécu en amertume pendant la paix, je goûte les douceurs célestes durant les maux salutaires dont vous m'affligez. Mais je reconnais, mon Dieu, que mon cœur est tellement endurci et plein des idées, des soins, des inquiétudes, et des attachements du monde, que la maladie non plus que la santé, ni les discours ni les livres, ni vos Écritures saintes ni vos Évangiles, ni vos mystères les plus saints, ni les aumônes ni les jeûnes, ni les miracles, ni l'usage des sacrements ni le sacrifice de votre corps, ni tous mes efforts, ni tous ceux de tout le monde ensemble ne peuvent rien du tout pour commencer ma conversion, si vous n'accompagnez toutes ces choses d'une assistance toute extraordinaire de votre grâce. C'est pourquoi, mon Dieu, je m'adresse à vous, Dieu tout-puissant, pour vous demander un don que toutes les créatures ensemble ne peuvent m'accorder en aucune sorte. Je n'aurais pas la hardiesse de vous adresser mes cris si quelque autre pouvait les exaucer.

Mas, meu Deus, como a conversão do meu coração que vos peço é uma obra que ultrapassa todos os esforços da natureza, só posso me dirigir ao Autor e ao Todo-Poderoso Mestre da natureza e do meu coração. A quem chamarei, Senhor, a quem me voltarei se não a Vós, meu Senhor? Tudo o que não é Deus não pode cumprir minha expectativa. É o próprio Deus quem eu chamo e busco. É somente para Vós que me dirijo. Abri, Senhor, meu coração. Entra nesta praça rebelde que os vícios ocuparam. Eles a prenderam; entrai como entrastes na casa do forte; mas primeiro amarre o inimigo forte e poderoso que a controla e retome imediatamente os tesouros que estão lá. Senhor, tome minhas afeições que o mundo havia roubado; roube esse tesouro de mim, ou melhor, recupere-o porque ele pertence a Vós, como uma homenagem que Vos devo, pois Vossa Imagem está impressa nele. Vós a formaste, Senhor, no momento do meu nascimento, mas ela se apagou. A ideia do mundo está tão gravada que a Vossa não é mais reconhecível nele. Só Vós pudestes criar minha alma, e podeis criá-la novamente. Vós somente podeis formar Vossa imagem: só Vós podeis reformá-la, e reimprimir Vosso retrato apagado, ou seja, Jesus Cristo, meu Salvador, que é Vossa imagem, e o caráter de Vossa substância.

Mais, mon Dieu, comme la conversion de mon cœur que je vous demande est un ouvrage qui passe tous les efforts de la nature, je ne puis m'adresser qu'à l'auteur et au maître tout-puisant de la nature et de mon cœur. À qui crierai-je, Seigneur ? À qui aurai-je recours ? Tout ce qui n'est pas Dieu ne peut remplir mon attente. C'est Dieu même que je demande et que je cherche. Ô Dieu, c'est à vous seul que je demande, et c'est à vous seul que je m'adresse pour l'obtenir. Ouvrez mon cœur, Seigneur ; entrez dans cette place rebelle que les vices ont occupée. Ils la tiennent sujette ; entrez-y comme dans la maison du fort ; mais liez auparavant le fort et puissant ennemi qui la maîtrise ; et prenez ensuite les trésors qui y sont. Seigneur, prenez mes affections que le monde avait volées : volez vous-même ce trésor, ou plutôt reprenez-le, puisque c'est à vous à qui il appartient, comme un tribut que je vous dois, puisque votre image y est empreinte. Vous l'y avez formée, Seigneur, au moment de ma naissance, mais elle y est toute effacée. L'idée du monde y est tellement gravée, que la vôtre n'est plus connaissable. Vous seul avez pu créer mon âme, vous seul la pouvez créer de nouveau. Vous seul y avez pu former votre image : vous seul pouvez la reformer, et réimprimer votre portrait effacé, c'est-à-dire Jésus-Christ mon Sauveur qui est votre image, et le caractère de votre substance.

V

Ó meu Deus, que meu coração se alegre em poder amar um objeto tão amável que não o desonre de maneira alguma e cujo apego a ele é tão saudável! Sei que não posso amar o mundo sem Vos desagradar, sem me prejudicar ou me desonrar, e nada menos o mundo ainda é o objeto do meu prazer. Ó meu Deus, uma alma é feliz porque Vós sois seu deleite, pois ela pode se abandonar em Vosso amor, não só sem escrúpulos, mas ainda com mérito! A felicidade dela é firme e duradoura, pois a esperança dela não será frustrada porque nunca sereis destruído e nem a vida nem a morte a separarão do objeto de Vossos desejos. No mesmo momento em que conduzirá os ímpios com seus ídolos a uma ruína comum unirá os justos convosco na glória comum. E, como alguns perecerão com os objetos perecíveis aos quais se apegam, outros permanecerão eternamente com o objeto eterno e subsistente por conta própria ao qual estão intimamente ligados. Ah! Quão felizes são aquelas que, com toda a liberdade e uma inclinação invencível de Vossa Vontade, e com os encantos que os conduzem, amam perfeita e livremente Aquele a quem são obrigados a amar necessariamente!

V

Ô mon Dieu, qu'un cœur est heureux qui peut aimer un objet qui ne le déshonore point, et dont l'attachement lui est salutaire. Je sens que je ne puis aimer le monde sans vous déplaire, sans me nuire, et sans me déshonorer ; et néanmoins le monde est encore l'objet de mes délices. Ô mon Dieu, qu'une âme est heureuse dont vous êtes les délices, puisqu'elle peut s'abandonner à vous aimer, non seulement sans scrupule, mais encore avec mérite. Que son bonheur est ferme et durable, puisque son attente ne sera point frustrée, parce que vous ne serez jamais détruit, et que ni la vie ni la mort ne la sépareront jamais de l'objet de ses délices, et que le même moment qui entraînera les méchants avec leurs idoles dans une ruine commune, unira les justes avec vous dans une gloire commune ; et que comme les uns périront avec les objets périssables auxquels ils se sont attachés, les autres subsisteront éternellement dans l'objet éternel et subsistant par soi-même auquel ils se sont étroitement unis. Ô qu'heureux sont ceux qui avec une liberté entière et une pente invincible de leur volonté, et avec des charmes qui les entraînent, aiment parfaitement et librement, et qui sont obligés d'aimer nécessairement.

VI

Terminai, ó meu Deus, os bons movimentos que me dais. Sede Vós o fim e o começo deles. Coroi Vossos próprios dons porque reconheço que são Vossos presentes. Sim, meu Deus, e bem longe de fingir que minhas orações tenham o mérito de obrigar-Vos necessariamente a atendê-las, reconheço humildemente que dei às criaturas meu coração, que formastes para Vós e não para o mundo ou para mim mesmo. Não posso esperar nenhuma graça senão de Vossa Misericórdia porque não tenho nada em mim que Vós não tenhais me dado e que todos os movimentos naturais do meu coração se voltem para as criaturas, ou para mim mesmo, é algo que não pode deixar de Vos irritar. Eu Vos rendo graças, meu Deus, pelos bons movimentos que Vós me dais e por aquilo que Vós me ofereces e que Vós me dais para Vos dar graças.

VI

Ô mon Dieu, achevez les bons mouvements que vous me donnez. Soyez-en la fin, comme vous en êtes le principe. Couronnez vos propres dons ; car je reconnais que ce sont vos dons. Oui, mon Dieu ; et bien loin de prétendre que mes prières aient des mérites qui vous obligent de les accorder de nécessité, je reconnais très humblement, mon Dieu, qu'ayant donné aux créatures mon cœur, que vous n'aviez formé que pour vous, et non pas pour le monde ni pour moi-même, je ne puis attendre aucune grâce que de votre miséricorde ; puisque je n'ai rien en moi qui vous y puisse engager, et que tous les mouvements naturels de mon cœur se portant vers les créatures, ou vers moi-même, ne peuvent que vous irriter. Je vous rends donc grâces, ô mon Dieu, des bons mouvements que vous me donnez et de celui même que vous me donnez de vous en rendre grâces.

VII

Tocai meu coração com o arrependimento de minhas falhas porque sem essa dor interna os males externos com os quais Vós tocais meu corpo serão uma nova ocasião de pecado. Deixai-me saber bem que os males do corpo não passam de punição e retrato geral dos males da alma. Mas fazei, Senhor, com que eles também sejam o remédio, me fazendo considerar, nas dores que sinto, aquelas que não senti em minha alma quando estava todo doente e encoberto de úlceras. Pois, Senhor, a maior das minhas doenças é essa insensibilidade e essa fraqueza extrema que me privaram de todos os sentimentos de minhas próprias misérias. Fazei-me senti-los vividamente, e que o resto da minha vida seja uma penitência contínua para lavar as ofensas que cometi.

VII

Touchez mon cœur du repentir de mes offenses, puisque sans cette douleur intérieure les maux extérieurs dont vous touchez mon corps me seraient une occasion nouvelle de péché. Faites-moi bien connaître que les maux du corps ne sont autre chose que la figure et la punition tout ensemble des maux de l'âme : faites qu'elles en soient aussi le remède, en me faisant considérer dans les douleurs que je sens celles que je ne sentais pas dans mon âme quoique toute malade et couverte d'ulcères. Car, Seigneur, la plus grande des maladies est cette insensibilité, et cette extrême faiblesse qui lui avait ôté tout sentiment de ses propres misères. Faites-les-moi sentir vivement ; et que ce qui me reste de vie soit une pénitence continuelle pour laver les offenses de ma vie passée.

VIII

Senhor, embora minha vida passada tenha sido isenta de grandes crimes porque Vós me tirastes as ocasiões, não Vos foi menos odiosa por minha contínua negligência, pelo mau uso que dei dos seus mais augustos sacramentos, pelo desprezo que tive da Vossa palavra e das Vossas inspirações, pela ociosidade e total inutilidade de minhas ações e pensamentos durante todo o tempo em que não me dediquei a Vos adorar. É necessário procurar em todas as minhas ocupações os meios para agradar-Vos e fazer penitência pelos defeitos que estão comprometidos todos os dias e são comuns até mesmo aos mais justos, de modo que sua vida deve ser uma penitência contínua, sem a qual se tornam injustos e pecadores. Assim, meu Deus, eu sempre Vos contrariei.

VIII

Seigneur, bien que ma vie passée ait été exempte de grands crimes, dont vous avez éloigné de moi les occasions, elle vous a été néanmoins très odieuse par sa négligence continuelle, par la suite continuelle de mes répugnances à vos inspirations, par le mauvais usage de vos plus augustes sacrements, par le mépris de votre parole, par l'oisiveté et l'inutilité totale de mes actions et de mes pensées, par la perte entière du temps que vous ne m'aviez donné que pour vous adorer, rechercher en toutes mes occupations les moyens de vous plaire, et faire pénitence des fautes qui se commettent tous les jours, et qui même sont ordinaires aux plus justes, de sorte que leur vie doit être une pénitence continuelle, sans laquelle ils deviennent injustes et pécheurs ; ainsi, mon Dieu, je vous ai toujours été contraire.

IX

Sim, Senhor, até agora fui surdo às Vossas inspirações. Desprezei Vossos Oráculos. Julguei o oposto do que Vós julgais. Contradigo as santas máximas que Vós trouxestes ao mundo do seio do Vosso Pai Eterno, e sobre as quais julgareis o mundo. Vós dissestes: “Bem-aventurados os que choram, e os infelizes são os que têm consolo” (Lc 6, 21;24), e eu disse a mim mesmo: “Infelizes são aqueles que choram, e muito felizes são aqueles que são consolados”. Disse ainda: “Felizes são aqueles que desfrutam de uma fortuna vantajosa, uma reputação gloriosa e uma saúde robusta”. E por que eu os considere abençoados senão porque todas essas vantagens lhes dão uma facilidade muito ampla para desfrutar como criaturas, isto é, ofender? Sim, Senhor, confesso que considere a saúde um bem não porque seja um meio fácil de servi-lo com utilidade, de consumir minhas atenções e vigílias em Vosso Serviço e de ajudar aos outros. Mas porque com Vosso favor eu poderia me abandonar em meios de me manter na abundância das delícias da vida e de gostar mais dos prazeres funestos. Dai-me a graça, Senhor, de reformar minha razão corrompida e de adaptar meus sentimentos aos Vossos.

IX

Oui, Seigneur, jusques ici j'ai toujours été sourd à vos inspirations ; j'ai méprisé tous vos oracles ; j'ai jugé au contraire de ce que vous jugez ; j'ai contredit aux saintes maximes que vous avez apportées au monde du sein de votre Père éternel, et suivant lesquelles vous jugerez le monde. Vous dites : « Bienheureux sont ceux qui pleurent, et malheur à ceux qui sont consolés » ; et moi je dis : « Malheur à ceux qui gémissent, et très heureux ceux qui sont consolés. » J'ai dit : « Heureux ceux qui jouissent d'une fortune avantageuse, d'une réputation glorieuse, et d'une santé robuste. » Et pourquoi les ai-je réputés heureux, sinon parce que tous ces avantages leur fournissent une facilité très ample de vous offenser ? Oui, Seigneur, je confesse que j'ai estimé la santé un bien, non pas parce qu'elle est un moyen facile de vous servir avec utilité et pour consumer plus de soins et de veilles à votre service et pour l'assistance du prochain ; mais parce qu'à sa faveur je pouvais m'abandonner avec moins de retenue dans l'abondance des délices de la vie, et en mieux goûter les funestes plaisirs. Faites-moi la grâce, Seigneur, de réformer ma raison corrompue, et de conformer mes sentiments aux vôtres.

Que me considere feliz na aflição e que, na impossibilidade de partir, Vós purifiqueis meus sentimentos de tal maneira que eles não mais desagradem os Vossos. Que eu possa encontrar-vos dentro de mim, pois não posso procurar-vos lá fora, no mundo, por causa de minha fraqueza. Porque, Senhor, Vosso Reino está em vossos fiéis e eu o encontrarei em mim se encontrar Vosso Espírito e Vossos Sentimentos.

Que je m'estime heureux dans l'affliction et que dans l'impuissance où je suis d'agir au-dehors vous purifiiez tellement mes sentiments qu'ils ne répugnent plus aux vôtres, et qu'ainsi je vous trouve au-dedans de moi-même, puisque je ne puis vous rechercher au-dehors à cause de ma faiblesse. Car, Seigneur, votre royaume est dans vos fidèles, et je le trouverai en moi-même si j'y trouve votre Esprit et vos sentiments.

X

Mas, Senhor, o que faria para obrigar-vos a derramar o vosso Espírito sobre minha Terra miserável? Tudo o que sou vos é odioso, Senhor, e não encontro nada em mim que possa agradar-Vos. Não vejo nada, Senhor, apenas minhas dores que se assemelham às Vossas. Portanto, considerai os males que sofro e os que me ameaçam. Vede com olhos de misericórdia as feridas que Vossas mãos me fizeram. Ó meu Salvador, que amaste os vossos Sofrimentos até a morte! Ó Deus! Tu te tornaste homem para sofrer mais do que qualquer outro homem pela nossa salvação! Ó Deus, que Vos encarnastes após o pecado dos homens e que tomastes no teu corpo sofrer todos os males que nossos pecados mereceram! Ó Deus, que amais os corpos que sofrem, aqueles que escolhesteis para Vós; o corpo mais padecente de sofrimentos que já existiu no mundo! Considerai meu corpo agradável, não por si mesmo nem por tudo o que contém, porque tudo é digno de Vossa indignação, mas pelos males que sofrestes, que só podem ser dignos de Vosso Amor. Amai meus sofrimentos, Senhor, e que meus males Vos convidem a me visitar.

X

Mais, Seigneur, que ferai-je pour vous obliger à répandre votre Esprit sur ma misérable terre ? Tout ce que je suis vous est odieux, Seigneur, et je ne trouve rien en moi qui vous puisse agréer. Je n'y vois rien, Seigneur, que vos seules douleurs. Considérez donc, Seigneur, les maux que je souffre et ceux qui me menacent ; voyez d'un œil de miséricorde les plaies que votre main a mises sur moi. Ô mon Seigneur, qui avez aimé vos souffrances en la mort ; ô Dieu, qui ne vous êtes fait homme que pour souffrir plus qu'aucun homme pour le salut des hommes ; ô Dieu, qui ne vous êtes incarné qu'après le péché des hommes pour ne prendre un corps que pour y souffrir tous les maux que nos péchés ont mérités ; ô Seigneur, qui aimez tant les corps qui souffrent, que vous avez choisi pour vous le corps le plus accablé de souffrances qui soit au monde, ayez agréable mon corps, non pas pour lui-même, ni pour tout ce qu'il contient, car tout y est digne de votre colère, mais pour les maux qu'il endure, qui seuls peuvent être dignes de votre amour. Aimez mes souffrances, Seigneur, et que mes maux vous invitent à me visiter.

Mas, para completar a preparação de Vossa habitação, ó meu Salvador, que, se meu corpo tem algo em comum com o Vosso, que sofreu por minhas ofensas, minha alma também tenha algo em comum com a Vossa, que fica entristecida pelas mesmas ofensas; e que eu sofra Con-vosco, e como Vós, em meu corpo e em minha alma, pelos pecados que cometi.

Mais pour achever la préparation de votre demeure, faites, ô mon Sauveur, que si mon corps a cela de commun avec le vôtre qu'il souffre pour mes offenses, mon âme ait cela de commun avec la vôtre, qu'elle soit dans la tristesse pour les mêmes offenses ; et qu'ainsi je souffre avec vous, et comme vous, et dans mon corps et dans mon âme, pour les péchés que j'ai commis.

XI

Dai-me a graça, Senhor, de desfrutar das Vossas consolações nos meus sofrimentos para que eu possa sofrer como um verdadeiro cristão. Não peço que me isente das dores porque esta é a recompensa dos santos. Peço que eu não seja abandonado às dores da natureza sem os consolos do Vosso Espírito porque essa é a maldição dos judeus e dos pagãos¹. Não peço para ter consolação sem sofrimento porque esta é a vida da glória. Também não peço plenitude do mal sem consolo porque este é um estado do povo Judeu². Mas peço-Vos, Senhor, para sentir tudo junto: as dores causadas pela natureza dos meus pecados e as consolações do Vosso Espírito através da Vossa Graça, porque esse é o verdadeiro estado do cristianismo. Que eu não sofra as dores sem consolo, mas que sinta as dores e o consolo juntos para, finalmente, sentir não mais do que Vossas Consolações sem dor. Porque, Senhor, antes da vinda de Vosso Único Filho, Vós deixastes o mundo definhando em sofrimentos naturais sem consolação. Hoje, pela graça de Vosso Filho, Vós consolais e adoçais os sofrimentos dos vossos fiéis; hoje, encheis Vossos santos com pura felicidade na glória de Vosso Filho. Estes são os admiráveis graus pelos quais Vós conduzistes Vossas obras.

Vós me afastastes do primeiro; faça-me passar pelo segundo para chegar ao terceiro, Senhor. Esta é a graça que Vos peço.

XI

Faites-moi grâce, Seigneur, de joindre vos consolations à mes souffrances, afin que je souffre en chrétien. Seigneur, je ne demande pas d'être exempt des douleurs, car c'est la récompense des saints; mais, Seigneur, je demande de n'être pas abandonné aux douleurs de la nature sans les consolations de votre Esprit, car c'est la malédiction des Juifs et des païens. Je ne demande pas d'avoir une plénitude de consolations sans aucune souffrance, car c'est la vie de la gloire. Je ne demande pas aussi, Seigneur, d'être dans une plénitude de maux sans consolation, car c'est un état de judaïsme. Mais je demande, Seigneur, de ressentir tout ensemble et les douleurs de la nature pour mes péchés et les consolations de votre Esprit par votre grâce, car c'est le véritable état du christianisme, que je ne sente pas des douleurs sans consolation, mais que je sente mes douleurs et vos consolations ensemble, pour arriver enfin à ne sentir plus que vos consolations sans aucunes douleurs. Car, Seigneur, vous avez laissé languir le monde dans les souffrances naturelles sans consolations avant la venue de votre Fils unique ; vous consolez maintenant vos fidèles par la grâce de votre Fils unique ; vous comblez d'une béatitude toute pure vos saints dans la gloire de votre Fils unique. Ce sont les admirables degrés par lesquels vous conduisez vos ouvrages.

Vous m'avez tiré du premier ; faites-moi passer par le second, pour arriver au troisième. Seigneur, c'est la grâce que je vous demande.

XII

Senhor, não permitais que eu fique tão distante de Vós que eu possa considerar Vossa Alma triste até a morte, e Vosso Corpo abatido pela morte por causa de meus próprios pecados, sem me regozijar em sofrer em meu corpo e em minha alma. Pois o que é mais vergonhoso e ainda assim mais comum nos cristãos e em mim mesmo é que, enquanto Vós derramais Vosso Sangue pela expiação das nossas culpas, vivemos em delícias. E que aqueles que professam ser cristãos; aqueles que pelo batismo renunciaram ao mundo para servi-lo; aqueles que juraram solenemente aos olhos da Igreja viver e morrer por Vós; aqueles que professaram acreditar que o mundo os perseguiu e crucificou; aqueles que acreditam que Vós os expusestes à ira de Deus e à crueldade dos homens para resgatá-los de seus crimes; eu digo que aqueles que acreditam em todas essas verdades; que consideram Vosso Corpo o anfitrião que se entregou à salvação; que consideram seus prazeres e pecados do mundo como o único objeto de seus sofrimentos e o próprio mundo como seu carrasco procuram bajular seus corpos com os mesmos prazeres que o mundo lhes oferece;

XII

Seigneur, ne permettez pas que je sois dans un tel éloignement de vous, que je puisse considérer votre âme triste jusqu'à la mort, et votre corps abattu par la mort pour mes propres péchés, sans me réjouir de souffrir et dans mon corps et dans mon âme. Car qu'y a-t-il de plus honteux, et néanmoins de plus ordinaire dans le chrétien et dans moi-même, que tandis que vous suiez le sang pour l'expiation de mes offenses, nous vivions dans les délices, et que des chrétiens qui font profession d'être vôtres, que ceux qui par le baptême ont renoncé au monde pour vous suivre, que ceux qui ont juré solennellement à la face de l'Église de vivre et de mourir avec vous, que ceux qui ont fait profession de croire que le monde vous a persécuté et crucifié, que ceux qui croient que vous vous êtes exposé à la colère de Dieu et à la cruauté des hommes pour les racheter de leurs péchés et de leurs crimes; que ceux, dis-je, qui croient toutes ces vérités, qui considèrent votre corps comme l'hostie qui s'est livrée pour leur salut, qui considèrent les plaisirs et les péchés du monde comme l'unique sujet de vos souffrances, et le monde même comme votre bourreau, recherchent à flatter leurs corps pas ces mêmes plaisirs, parmi le même monde;

e, assim, aqueles que não podiam, sem tremer de horror, ver um homem se aproximar ou valorizar o assassino de seu pai – que se entregaria para lhe dar a vida, podem viver, como eu fiz, com plena alegria no mundo, porque eu sei que realmente fui o assassino daquele que reconheço por meu Deus e meu Pai, que se entregou para minha própria salvação e que carregou Nele a penalidade de nossas iniquidades. É justo, Senhor, que Vós tenhais interrompido uma alegria tão criminosa como aquela em que eu me repousava à sombra da morte.

et que ceux qui ne pourraient sans frémir d'horreur voir un homme caresser et chérir le meurtrier de son père qui se serait livré pour lui donner la vie, puissent vivre, comme j'ai fait, avec une pleine joie parmi le monde, que je sais véritablement avoir été le meurtrier de celui que je reconnais pour mon Dieu et pour mon Père, qui s'est livré pour mon propre salut en portant en sa personne la peine de nos iniquités. Il est juste, Seigneur, que vous interrompiez une joie aussi criminelle que celle dans laquelle je me reposais à l'ombre de la mort.

XIII

Retirai de mim, Senhor, a tristeza que o amor-próprio pode me causar pelos meus próprios sofrimentos e tira-me as coisas do mundo que não acontecem como querem as inclinações do meu coração, que não levam em consideração a Vossa glória. Colocai em mim uma tristeza de acordo com a Vossa. Que minhas dores sirvam para apaziguar Vossa cólera. Fazei delas uma ocasião para minha salvação e conversão. Que a partir de agora eu não deseje saúde e vida se não for para ser empregada e consumida por Vós, com Vós e em Vós. Não Vos peço nem saúde nem doença, nem vida nem morte, mas que Vós tenhais minha saúde e minha doença, minha vida e minha morte, por Vossa imensa Glória, por minha salvação e pela utilidade da Igreja e dos Vossos Santos, em que espero que Vossa Graça tenha uma porção. Só Vós sabeis do que eu mais preciso. Vós sois o Mestre Soberano. Por isso, fazei o que quiseres. Dai-me essa graça e levai-me embora, mas conformai a minha vontade à Vossa e que, com uma submissão humilde e perfeita, e com uma santa confiança, eu me prepare para receber as ordens de vossa Providência Eterna e adorar igualmente tudo o que vem de Vós.

XIII

Ôtez donc de moi, Seigneur, la tristesse que l'amour-propre me pourrait donner de mes propres douleurs, et des choses du monde qui ne réussissent pas au gré des inclinations de mon cœur qui ne regardent pas votre gloire. Mais mettez en moi une tristesse conforme à la vôtre. Que mes douleurs servent à apaiser votre colère. Faites-en une occasion de mon salut et de ma conversion. Que je ne souhaite désormais de santé et de vie que pour l'employer et la finir pour vous, avec vous et en vous. Je ne demande ni santé ni maladie, ni vie ni mort, mais que vous ne disposiez de ma santé et de ma maladie, de ma vie et de ma mort, pour votre gloire, pour mon salut et pour l'utilité de votre Église et de vos saints dont je fais une portion. Vous seul savez ce qui m'est expédient ; vous êtes le souverain maître, faites suivant votre plaisir : donnez-moi, ôtez-moi, mais conformez ma volonté à la vôtre ; et que dans une soumission humble et parfaite, et dans une sainte confiance je me dispose à recevoir les ordres de votre providence éternelle, et que j'adore également tout ce qui vient de vous.

XIV

Meu Deus, que com uniformidade de espírito eu sempre receba todos os tipos de eventos igualmente, já que não sabemos o que devemos pedir e que não posso desejar algo maior do que já possuo sem presunção e sem me tornar juiz e responsável pelas consequências que não posso prever. Senhor, eu sei que sei apenas uma coisa: que elas são boas para quem Vos serve e que são ruins para quem Vos ofende. Além disso, não sei o que é melhor ou o pior em todas as coisas. Não sei se saúde ou doença, riqueza ou pobreza, ou todas as coisas do mundo, são mais benéficas para mim. Este é um discernimento que ultrapassa as forças dos homens e dos anjos, e que está oculto nos segredos de Vossa providência, que eu adoro e que não quero aprofundar.

XIV

Que dans une uniformité d'esprit toujours égale je reçoive toute sorte d'événements, puisque nous ne savons ce que nous devons demander, et que je n'en puis souhaiter l'un plutôt que l'autre sans présomption et sans me rendre juge des suites qu'il aurait, et que je ne saurais prévoir. Seigneur, je sais que je ne sais qu'une chose : c'est qu'il est bon de vous suivre, et qu'il est mauvais de vous offenser. Outre cela je ne sais quel est le meilleur ou le pire en toutes choses. Je ne sais lequel m'est profitable de la santé ou de la maladie, du bien ou de la pauvreté, ni de toutes les choses du monde. C'est un discernement qui passe la force des hommes et des anges, et caché dans les secrets de votre providence que j'adore, et que je ne veux pas approfondir.

XV

Fazei, então, Senhor, que, como sou, me conforme com Vossa Vontade e que estando doente como estou Vos glorifique em meus sofrimentos. Sem eles não posso alcançar a glória. Sem eles, meu Salvador, Vós mesmo não terias vindo em nossa carne mortal e não terias sido elevado. É pelas marcas dos Vossos Sofrimentos que Vós fostes reconhecido por vossos discípulos e é pelos sofrimentos que Vós reconheceis também aqueles que são Vossos discípulos. Reconhecei-me, portanto, como vosso discípulo nos males que enfrento no meu corpo e no meu espírito pelas ofensas que cometi. E, como nada é agradável a Deus se não for oferecido por Vós, uni minha vontade à Vossa, às minhas dores aquelas que sofrestes; fazei que eu possa viver unido a Vós; e, assim, revesti-me de Vós para ser plenamente Vosso e do Vosso Espírito. Entrei em meu coração e na minha alma para sofrer meus sofrimentos e continuar completando em mim o que lhe faltava à Vossa Paixão, que Vós mesmo completais em vossos membros até a perfeita consumação do Vosso Corpo para que, sendo totalmente Vosso, não seja mais eu quem vive e sofre, mas Vós que viveis e sofreis em mim, ó meu Salvador!

E assim, tendo uma pequena parte nos vossos Sofrimentos, Vós me constituais inteiramente da glória que eles adquiriram para Vós, na qual Vós viveis com o Pai e o Espírito Santo por todos os séculos dos séculos. Que assim seja.

XV

Faites donc, Seigneur, que tel que je sois je me conforme à votre volonté, et qu'étant malade comme je suis je me glorifie dans mes souffrances ; sans elles je ne puis arriver à la gloire ; sans elles, mon Sauveur, vous-même n'y seriez pas parvenu. C'est par les marques de vos souffrances que vous avez été reconnu de vos disciples, et c'est par les souffrances que vous reconnaissez aussi ceux qui sont vos disciples. Reconnaissez-moi donc pour vôtre dans les maux que j'endure et dans mon corps et dans mon esprit pour les offenses que j'ai commises. Et parce que rien n'est agréable à Dieu s'il ne lui est offert par vous, unissez ma volonté à la vôtre, et mes douleurs à celles que vous avez souffertes, rendez-les vôtres et m'unissez à vous, et en me remplissant de vous-même et de votre Esprit, revêtez-moi de vous. Entrez dans mon cœur et dans mon âme pour y souffrir mes souffrances, et pour continuer d'endurer en moi ce qui vous reste à souffrir de votre Passion que vous achevez dans vos membres jusques à la consommation parfaite de votre corps ; afin qu'étant plein de vous, ce ne soit plus moi qui vive et qui souffre, mais que ce soit vous qui viviez et qui souffriez en moi, ô mon Sauveur ; et qu'ainsi ayant quelque petite part à vos souffrances, vous me remplissiez entièrement de votre gloire, dans laquelle vous vivez avec le Père et le Saint-Esprit par tous les siècles des siècles. Ainsi soit-il.

1 NOTAS

Nota do Tradutor

No século XVII, três fatores influenciaram fortemente o catolicismo. Não podemos fazer um juízo de valor afirmando ou negando sua positiva ou negativa influência, mas que o influenciaram a ponto de criar mentalidades e atitudes isso é inegável. Trata-se do Jansenismo (Port-Royal), do Jacobismo (Ordem dos predicadores) e do Molinismo (Jesuítas e a moral).

O século XVII possui uma visão muito forte em relação a tudo o que não é cristão e concretamente católico. A reforma protestante tinha acontecido em 31 de outubro de 1517; a França tinha sido duramente golpeada pela situação dos novos grupos e a Contra-Reforma não tinha surtido os efeitos esperados.

Blaise Pascal nasce numa família “católica”, porém nada praticante. O tempo da sua infância e adolescência, Blaise Pascal o vive com o seu pai e seu caráter autodidata. Posteriormente, na tardia juventude se dedica aos jogos da corte e cria a roleta que será o seu maior divertimento durante um bom período da sua vida.

Seu relacionamento com os membros de Port-Royal se fortalecerá no assim chamado “Memorial”, quando acontece a terceira, e definitiva, conversão ao catolicismo. Os Jansenistas não podiam aceitar os Judeus, pois pensavam que não poderiam ser perdoados, visto que teriam tudo para ser o povo eleito e o pior que poderia ter acontecido era que eles teriam crucificado o

próprio redentor do mundo, Jesus Cristo. Pascal vive esta realidade dentro de Port-Royal onde permanecerá por, pelo menos, uns três anos, até que percebe que os jansenistas estavam fora da comunhão com o Papa.

Há uma obra de Mark & Horta, sobre a diáspora no século XVII, onde a partir de um estudo realizado pelo francês Nicolas Villault, intitulado *Relation des costes d'Afrique appelées Guinée* (1669), “sugere-se que certas orações judaicas que invocavam Abraão, Isaque e Jacó, possuíam alguma coisa de paganismo. A meu ver, a evidência deste sincretismo é modesta para sustentar uma ‘interação religiosa’ ou fusão de crenças judaico-pagão. Entre africanos adeptos de cultos pagãos franceses, portugueses e católicos, sim, tal interação é claramente comprovada.”¹

Bem provavelmente, como foi enunciado de diversas maneiras no modo de pensar de Pascal, a incidência da corte de Luiz XIV, o Rei Sol, o comprometia num certo sentido a renunciar a qualquer tipo de relacionamento com os Judeus da época.

Não podemos esquecer a influência dos “jacobistas”. Na verdade, são os Dominicanos que viviam na rua Jacob e por isso tinham esse nome. Estes mantinham à força um trabalho determinado para converter os judeus ao catolicismo; isto pode ser visto na época como um mero proselitismo, mas, na verdade, há ali o arvorecer de uma relação que com o tempo consolidou-se numa relação mais próxima.

¹ Cf. *The Forgotten Diaspora: Jewish Communities in West Africa and the Making of the Atlantic World*. Nova York: Cambridge University Press, 2011, p. 262.

Em *Oração para pedir a Deus o bom uso das doenças*, Pascal deixa entrever esta “dor” diante da atitude dos judeus ao ter pedido para que Cristo fosse crucificado. Sendo assim, tudo corresponde a um dado cultural e não religioso; a meu ver, corresponde mais a uma consciência moral escrupulosa de quem vem de um movimento ultraconservador como o jansenismo, razão pela qual o texto se permite manter a expressão de cunho original e ao mesmo tempo expressar o conteúdo historiográfico que este pode-nos ensinar.

2 NOTA DO MUSEU DO HOLOCAUSTO DE CURITIBA EM COLABORAÇÃO COM SERGIO ALBERTO FELDMAN

O judaísmo na França medieval e moderna: entendendo a relação de Pascal com os judeus

ORIGENS – Antiguidade Tardia/Patrística

O contexto em que se localizavam os judeus e o Judaísmo na França era extremamente complexo no século XVII, no qual viveu Blaise Pascal. A imagem dos judeus era amplamente influenciada pelas representações criadas seja na Antiguidade Tardia, seja no medievo. Um retorno às raízes do antijudaísmo cristão seria muito extensa, mas resumiremos tópicos que permitirão entender a condição deteriorada desta representação.

Os judeus eram autorizados a viver no Império Romano desde a conquista da Judéia por Pompeu Magno (c. 63 a. E. C.). Obtiveram a condição de “*religio licita*”, que resumiríamos como sendo minoria tolerada, com direitos de autonomia jurídica e social. O Cristianismo hegemônico posterior a Constantino (início do século IV d.C.) manteve, mas diminuiu os direitos judaicos: confinou os judeus, retirou a permissão deles de converter “não judeus” e de realizar casamentos interconfessionais, e exercer cargos de poder.

A patrística grega e latina fez severas acusações aos judeus: deicídio, cegueira teológica, comportamentos imorais, carnalidade (corporal e exegética, ao ler de maneira literal a revelação), misantropia (ódio ao gênero humano) e deformidades espirituais e morais de todos os tipos. Há diversas sugestões de padres da Igreja, como Hilário de Poitiers, Jerônimo e João Crisóstomo (Antioquia), no século IV, que consideravam a existência de relações íntimas entre os judeus e os demônios. Esse material serviria de inspiração aos clérigos da Idade Média central.

Agostinho, bispo de Hipona que viveu no final do séc. IV e início do séc. V, atenuou as pressões sobre os judeus, adotando um conceito intermediário, entre a “*religio licita*” do direito romano tardo antigo e a percepção cristã dos judeus como uma seita nefasta ou proscrita (*ne-fariam secta*), uma enfermidade contagiosa que podia contaminar a comunidade cristã. Este conceito alocou os judeus no passado a receptores da revelação, no presente a “exemplo de desvio e erro” e, no futuro, como condicionadores da segunda vinda de Cristo, pelo menos em parte.

A função histórica dos judeus lhes outorga tolerância matizada, que é somada a degradação e desvalorização social da minoria. Seriam bibliotecários escravos (no modelo do pedagogo) e objeto de “desejo” por serem alvos de evangelização futura, como pré-condição de propiciar a segunda vinda de Cristo.

JUDEUS NA FRANÇA MEDIEVAL ATÉ AS EXPULSÕES DO SÉCULO XIV

Os judeus aparecem no território da Gália (atual França) desde o período imperial romano. Há comunidades na região mediterrânea (Provença/Narbonense/Aquitânia) e em seguida se aproximam do vale do Loire e da Ilha de França (entorno de Paris). Seu refinamento cultural é inferior ao dos judeus do sul (Hispania, em especial a muçulmana, Itália e Provença), mas progridem e interagem com os judeus da Germânia (ao norte) e com os do Mediterrâneo.

Servem aos reis carolíngios (Carlos Magno e Luís, o Pio), gerando reações de protesto de clérigos da região como Agobardo e Amolon, ambos bispos de Lyon (Lião), que discordavam da permissão aos judeus de traficar escravos e, portanto, poder eventualmente converter alguns destes. As pregações destes dois serviriam, anos mais tarde, como referência a graves acusações aos judeus. No contexto do século IX, geram poucos efeitos sociais, pois os imperadores protegem os filhos de Israel. Há um longo período de tolerância desde a queda do Império Romano até a virada de Milênio e as Cruzadas. O es-

tatuto judaico é raramente alterado: discriminado, recluso, mas interagindo na prática com as populações locais, visto as queixas de bispos e os cânones conciliares que proíbem as refeições e celebrações conjuntas entre judeus e cristãos que seguem acontecendo.

Esta condição de minoria vem junto com crenças e superstições de longa duração: deicídio, cegueira, moral suspeita e carnalidade, que no cotidiano se diluem e permitem uma interação razoável, pois os judeus cumprem papéis necessários a uma sociedade camponesa carente de serviços e de comércio. A função judaica na sociedade tripartite (nobreza/clero e camponeses) é o restrito comércio, numa primeira etapa, e posteriormente as funções financeiras com ênfase no empréstimo de dinheiro no modelo conhecido como usura.

Muitas das crenças antijudaicas de base teológica serão mescladas com questões relacionadas à usura, criando um contexto novo de antijudaísmo. O olhar clerical à usura era de repúdio, considerando quem ganha dinheiro usando “o tempo, que a Deus pertence” aliado do demônio. Os judeus gradualmente são retirados do comércio e inseridos, na maioria dos casos, a funções ligadas à usura. Isso os coloca na condição de demoníacos.

Em paralelo, mas bastante relacionado com o tema da usura, se constroem mitos antijudaicos diversos. Nas Cruzadas (1096-c.1280) os judeus são vítimas de turbas excitadas, que, em vista da guerra contra os infiéis muçulmanos do Oriente, atacam os infiéis judeus no Ocidente medieval. Massacres na primeira cruzada (Império germâ-

nico e norte da França) e na terceira cruzada (Inglaterra) geram vítimas e mártires judeus.

Uma das atitudes judaicas ao serem encurralados e intimados a se converter a força foi proteger sua família da profanação do Nome de Deus, fazendo imolação ritual de toda a família e de si mesmo, antes que os “pseudocruzados” pusessem suas mãos nos filhos e esposas e os convertessem à força. Esta inversão da condição de mártires, do Cristianismo para o Judaísmo, não tardou a gerar um mecanismo de inversão.

Nas décadas seguintes ao martírio judaico em “santificação do Nome divino”, começa a ser moldada uma reação do baixo clero, semiletrado e inculto, à “usurpação” da condição de mártires que os judeus haviam galgado. Em meados do século XII, aparecem os primeiros casos de acusação de crime ritual. Trata-se de uma modalidade reciclada da antiguidade pagã: Tácito (sec. I d. E.C.), o sacerdote egípcio Manethon e outros acreditavam que judeus faziam sacrifício humano no templo de Jerusalém. Essas acusações serão direcionadas aos cristãos nos séculos II e III, e depois devolvidas aos judeus.

O crime ritual é a acusação do uso de sangue cristão em rituais judaicos, em especial na confecção de pães ázimos (*matzá*) consumidos na Páscoa Judaica. A proximidade das duas Páscoas não é casual, pois seria uma réplica do sacrifício de Jesus, na pessoa de um fiel cristão. Essa acusação tem longa duração e aparece ainda na Rússia Czarista na virada do século XIX para o XX. Um milênio de uma acusação grave e nunca fundamentada.

No espaço francês, o caso mais conhecido e de certa forma propagador do mito é o de Blois (meados do século XII), cidade no vale do Loire (centro da França), na qual muitos judeus foram acusados, julgados em processos bastante falhos e queimados coletivamente. Este estigma se manteve até o século XXI.

Outras acusações e mitos aparecem no Ocidente medieval e envenenam a percepção dos judeus, na Europa e na França, em específico. No espaço francês, é bastante conhecida a acusação de que havia uma conspiração de três elementos com intenção de envenenar os poços e exterminar a Cristandade: os leprosos, os muçulmanos (ligados ao emirado de Granada) e os judeus. Isso ocorre no início do século XIV. Essa acusação gerou massacres e processos irregulares, com o extermínio dos leprosos, dos escassos muçulmanos do leste do sul da França, e de comunidades judaicas. Uma onda de ataques eclode em 1322, seja por uma onda revoltosa de base camponesa denominada de Pastorzinhos (*Pastoreaux*), que varrem a França de norte a sul, em paralelo com uma cruzada que não atinge o Islã, mas percorre parte da França. Essa acusação de envenenamento dos poços será reciclada na obra antissemita *Os Protocolos dos Sábios de Sião*, redigida na primeira década do século XX pelo monge Nilus, no ocaso da Rússia czarista, como manobra para criar um bode expiatório para um regime em crise.

A última acusação que nomeamos seria o mito da profanação das hóstias. Num contexto de polêmica interna na Cristandade entre a transubstanciação versus a consubstanciação, em

que o simbolismo da hóstia e do vinho geravam questionamentos, os judeus são inseridos para fortalecer a doutrina aceita como a oficial. As hóstias eram “sequestradas” por cristãos aliados dos judeus e entregues a estes. Os judeus as castigavam e martirizavam, até que as hóstias versessem sangue, literalmente. Isso servia para culpabilizar os judeus e para reforçar a tese oficial da Igreja. Há inúmeros casos surgidos na França.

O último caso e talvez o mais dramático é a acusação contra o Talmude, imensa coletânea de lei oral e comentários que compõe o maior acervo da literatura rabínica. Em Paris, um judeu convertido, supostamente um caraíta que não aceitava o Talmude, gerou uma acusação de que haveria blasfêmias contra Jesus nesta obra. Um debate ocorreu em Paris, no ano de 1240, entre membros da Igreja e rabinos liderados pelo rabi Ihiel de Paris. O ambiente era de agudo controle e censura rígida, e seu resultado foi a condenação do Talmude. Exemplares de *Talmudim* foram confiscados sob forte esquema de repressão e incinerados no pátio externo da majestosa catedral de Notre Dame de France, num prelúdio de fogueiras com hereges e uma profecia da queima de livros, seja no medievo, seja na Alemanha nazista nos anos trinta do século passado.

DAS EXPULSÕES ATÉ O REI SOL

O medievo central assistiu a múltiplas expulsões de judeus de diversos espaços do ocidente. O reino da Inglaterra expulsou de maneira definitiva os seus judeus no século XIII, entre

1290 e 1294. A França foi o palco de cerca de quatro expulsões de judeus de seu território. Como havia jurisdições diversas, algumas delas retiravam os judeus do espaço dominado pelo rei, mas permitiam que se alojassem em algum território que não acatasse o decreto real.

A primeira expulsão foi em 1182 sob o rei Filipe Augusto, que confisca suas terras e boa parte dos bens. Precisando de recursos financeiros, readmite os judeus em 1198. O rei Filipe, o Belo, que moveu processos contra os Templários no intuito de confiscar seus bens, também expulsou os judeus em 1306. Voltam logo, já em 1315. A terceira expulsão vem no contexto da revolta dos Pastorzinhos (1322), acima citada.

Durante a Peste Negra (1348-1351), havia escassa população judaica no território francês. Porém, com a guerra dos Cem Anos (iniciada em 1337 – encerrada em 1453), o rei francês opta por trazer os judeus de volta pela terceira vez. Isso ocorre em 1359. Os fracassos franceses, somados aos efeitos da peste e as reações dos camponeses (revoltas denominadas *jacquerie*), geram uma situação difícil para o rei francês, que decreta a quarta e última expulsão de judeus do reino da França, em 1394. Este édito de expulsão não será revogado nos séculos seguintes – aliás, será reafirmado. Nem o final das guerras religiosas entre católicos e huguenotes, na segunda metade do século XVI, que culmina no édito de Nantes (1598), o qual pacifica o conflito temporariamente sob Henrique IV, integra ou traz de volta os judeus. A tolerância era entre grupos cristãos e, aliás diga-se, não muito duradoura. Não tarda a ser retroagida.

Esta expulsão judaica é renovada e se mantém na época de **Blaise Pascal (1623-1662)**. Vale frisar que no sul da França, na região de Bordeaux e na Provença, tenham penetrado judeus disfarçados de cristãos, ou seja, criptojudeus, sob o manto de uma identidade ilusória. Estes eram tolerados, pelo governo francês e pela população, fazendo-se de cristãos no espaço público e mantendo-se secretamente judeus.

A expulsão não impede que judeus, de maneira individual, possam entrar no reino da França e prestar serviços como médicos ou astrólogos, mas já não há comunidades judaicas e tampouco uma criação cultural judaica. Apenas no governo do Rei Sol, Luís XIV (1638-1715), penetrarão, no reino da França, comunidades judaicas, nos territórios anexados pelo monarca na região da Alsácia Lorena (Estrasburgo, em específico). Ou seja, **no período que viveu Blaise Pascal, não havia judeus nem em Paris e nem no reino da França**, salvo os criptojudeus do sul, escondidos e disfarçados de cristãos.

Este fenômeno não é único. Podemos perceber, em algumas ocasiões, que a ausência de judeus não é garantia para o desinteresse e o repúdio a estes. O brilhante escritor inglês William Shakespeare vivia na Inglaterra elizabetana, que havia expulsado os judeus de seus espaços desde 1290. Seriam quase trezentos anos sem contatos com judeus, mas a imagem judaica permanecia e os preconceitos se mantinham: veja sua obra “Mercador de Veneza” e seu personagem paradigmático, o usurário Shylock, repleto de ódio e estigmas.

Na Espanha moderna no século XIX, um grupo político denominado carlismo pretendia colocar no trono um candidato de “oposição”, e na sua plataforma há um claro posicionamento antijudaico, repleto de estigmas e paranoia. Não precisa haver judeus nem judaísmo para haver antijudaísmo. A origem do preconceito e do estigma é presencial e física, mas a permanência destes é de longa duração e carece da necessidade da presença material dos judeus.

A necessidade do inimigo interno aparece em níveis diversos: junto ao poder temporal, imbricada na existência de instituições eclesásticas, e de maneira ainda mais profunda no imaginário popular, nas representações criadas pela arte e pelas pregações do baixo clero em suas homílias. O judeu real dá lugar a um judeu ficcional, imaginário.

Este é o judeu que aparecerá nas reflexões de Blaise Pascal: um judeu das Escrituras, da literatura rabínica, da patrística e das polêmicas medievais. Os mitos se mesclam com pensadores como Agostinho, Crisóstomo, Pedro Afonso, e muitos outros.

PASCAL E OS JUDEUS/E O JUDAÍSMO

Pascal viveu no reino da França e fez parte de um movimento denominado jansenista. Trata-se de uma vertente católica, fundada por Cornélio Jansênio (1585-1638), bispo de Ipres, que, numa reação à reforma protestante, incorpora crenças condenadas pela Igreja, no tema da predestinação, negando o livre-arbítrio e susten-

tando ser a natureza humana por si só incapaz do bem.

A França vivia ainda os efeitos das guerras de religião entre católicos e huguenotes, e havia alinhamentos no espaço do ocidente europeu. Luteranos, calvinistas com variedades, valdenses e outros grupos e dissidências. Pascal tenta esclarecer e iluminar os fiéis.

Pascal é um grande pensador, atuando em múltiplas áreas do saber, desde a filosofia, passando pela matemática e chegando à teologia. Seu porte intelectual é elevado e poderia ser considerado um marco no século XVII. Seu interesse pelos judeus e pelo Judaísmo alterna posições que transitam entre, por um lado, uma certa dose de admiração pela tenacidade e resistência espiritual, e por outro, críticas pela sua cegueira, pelo não reconhecimento de Cristo e por seus erros teológicos.

Blaise Pascal se imbuíu da missão de provar tanto a existência de Deus quanto a verdade do Cristianismo, pois considerava que a natureza dual do ser humano o deixava entre o corpo e a espiritualidade e precisa da ajuda divina para se salvar. Para tanto, vai em busca das fontes judaicas para entender a revelação e as profecias: a Bíblia Hebraica, o rabinismo talmúdico e os filósofos judeus medievais, tal como Maimônides.

Segundo a *Jewish Encyclopaedia* (2007, p. 674), seu acesso a estas fontes não foi do original, escrito em hebraico e aramaico, ao qual não tinha acesso. Os exemplares do Talmude na França tinham sido em boa parte queimados em 1240 e os restantes retirados pelos judeus quando foram expulsos em 1394. Assim, se dirige aos

críticos cristãos do rabinismo talmúdico, sendo um destes e talvez a fonte principal, o dominicano Raimundo Martini, autor de uma obra polêmica de nome *Pugio Fidei* (Punhal da Fé), que efetivamente nos oferece uma face da desconstrução do Talmude pelos frades.

Seria impreciso titular Pascal como um pregador antijudaico, pois ele alterna suas posições ora tecendo críticas e acusações aos judeus, ora os enaltecendo pela sua persistência e tenacidade ao resistir às pressões da maioria circundante através de séculos. Ele é um apologista da verdade cristã e do caminho cristão, que desconhecia os judeus reais, não tinha acesso aos originais do Judaísmo e herdou num mecanismo de média e longa duração as superstições e a estigmatização dos judeus no mundo medieval cristão.

No verbete da *Jewish Encyclopaedia* (2007, p. 674, tradução nossa), o autor entende que Pascal critica o “[...] excessivo formalismo da Lei judaica e condenava os judeus por sua falta de espiritualidade, e por sua cegueira em relação à verdade cristã [...]”. Mas sua crítica se dirigia também à ausência de espiritualidade de seus irmãos cristãos. Bastante aderente ao jansenismo, apregoava uma fé mais espiritual e menos formal, coisa comum a parte dos cristãos e parte dos judeus. E ironizava os judeus que esperavam um messias, que de acordo aos “[...] não espirituais judeus, deveria ser um príncipe temporal”, tornando, assim, uma questão mística um problema político.

Pascal lamenta a situação judaica e os estigmas que assolam sua presença na sociedade cristã. Seu destino está conectado a suas escolhas. Nas suas palavras, há mais lamentação do que ódio. Sua admiração pelo legado dos judeus aparece em parte das obras inconclusas, que fazem parte de uma apologia ao Cristianismo, que o autor francês Philippe Sellier analisa em duas de suas obras sobre Blaise Pascal.

REFERÊNCIAS

COHEN, Lionel. Pascal, Blaise (verbete). In: SKOLNIK, Fred; BERENBAUM, Michael. *Jewish Encyclopaedia*. [Farmington Hills]: Thomson Gale; Keter, 2007.

FELDMAN, Sergio A. A Igreja e a “questão judaica”: de Eusébio de Cesaréia a Gregório Magno. *Boletim do CPA*, Campinas, v. 17, p. 131-154, 2004.

FELDMAN, Sergio A. Judeus na antiguidade tardia: a construção da alteridade sob Agostinho. *Dimensões – Revista de História da UFES*, v. 25, p. 131-147, 2010.

FELDMAN, Sergio A. Da santificação do nome divino ao libelo de sangue: Interações entre judeus e cristãos no período das cruzadas. *Graphos*, v. 15, n. 1, p. 1-19, 2013.

KRIEGEL, Maurice. Judeus. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean Claude. *Dicionário temático do ocidente medieval*. Bauru: Edusc, 2006. p. 37-53.

RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação*: as minorias na idade média. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

“Senhor, como no momento da minha morte, me encontrarei separado do mundo, nu de todas as coisas, apenas diante de vossa Presença, para responder à vossa Justiça por todos os movimentos do meu coração, fazei-me considerar nesta doença como uma espécie de morte, separada do mundo, nua de todos os objetos de meus apegos, somente diante de sua presença para implorar de sua misericórdia a conversão do meu coração; E que eu tenha extrema consolação por Vós” (III). É assim que o filósofo Blaise Pascal, em estado de enfermidade, se dirige a Deus em sua *Prière pour demander à Dieu le bon usage des maladies*, agora traduzida para o Português pelo Instituto Ciência e Fé PUCPR. Esta pequena, mas profunda oração, feita por este pensador no século XVII nos demonstra que podemos fazer o bom uso inclusive das enfermidades.

Fabiano Incerti
Instituto Ciência e Fé da PUCPR